

Oficina didática de filosofia:

Entre razão e emoção: a estética se dá bem com a ética?

Philosophy didactic workshop:

Between reason and emotion: the aesthetics gets on well with the ethics?

AMANDA VICTÓRIA MILKE FERRAZ DE CARVALHO¹ / ANA CAROLINE TRUZZI CAMPOS² / DANIEL DU SAGRADO BARRETO DALUZ³ / FÁBIO GABRIEL SEMENÇATO⁴ / FERNANDO ALVES GRUMICKER⁵ / JOÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA TRUCCOLO⁶ / MÔNICA CHIODI⁷ / NICOLE ELOUISE AVANCINI⁸ / OLAVO DE SALLES⁹ / RAFAELA ORTIZ DE SALLES¹⁰ / PAOLA CRISTIANE SCHROEDER DOS SANTOS¹¹ / THIAGO LUAN QUEIROZ¹² / VINICIUS RHUAN TEZOLIM PERAÇOLI¹³ / DR. LUCIANO CARLOS UTTEICH¹⁴ / DRA. NELSI KISTEMACHER WELTER¹⁵

¹ Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: mandamilke@gmail.com

² Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: ana.campos6@unioeste.br

³ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: arrobadasagrado@gmail.com

⁴ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: fabiogabrielsemencato@gmail.com

⁵ Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: grumickerfernando@gmail.com

⁶ Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: joaotruccolo@gmail.com

⁷ Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: monica_kiodi@hotmail.com

⁸ Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: nicole_avancini@hotmail.com

⁹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: olavo.salles144@gmail.com

¹⁰ Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: rafasalles@hotmail.com

¹¹ Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: paola_sch@hotmail.com

¹² Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: thiago.queiroz2@unioeste.br

¹³ Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: viniperacoli@gmail.com

¹⁴ Pós-doutor em Filosofia pela Universität Duisburg-Essen (Alemanha). Atualmente é Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutor pela PUCRS (2008). E-mail: lucutteich@gmail.com

¹⁵ Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é professora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: nelsi.welter@unioeste.br

DE CARVALHO, A. / CAMPOS, A. / DALUZ, D. / SEMENÇATO, F. / GRUMICKER, F. / TRUCCOLO, J. / CHIODI, M. / AVANCINI, N. / DE SALLES, O. / DE SALLES, R. / QUEIROZ, T. / SCHROEDER, P. / PERAÇOLI, V. / DR. UTTEICH, L. / DRA. WELTER, N.

Resumo: O objetivo da oficina é apresentar a importância da sensibilidade (como faculdade/capacidade) e seu funcionamento em conjunto com as outras faculdades (razão e entendimento) para a vida humana. Na primeira parte, a oficina esclarece o significado do termo “estética” para a Filosofia, mostrando que ela diz respeito a um campo de estudo que visa compreender o modo como a sensibilidade participa a todo momento do pensamento, do conhecimento e está presente na reflexão e na razão. Afinal, o que é a sensibilidade? É a capacidade do ser humano de afetar e ser afetado pelas coisas. Enquanto capacidade, ela realiza um papel insubstituível no conjunto das atividades humanas. É, também, através dela, que se chega ao sentimento de humanidade, como a capacidade de se colocar no lugar do outro, de ver o outro como um igual, de compartilhar as emoções e expandir o sentimento e torná-lo comum a todos.

Palavras-chave: Estética. Sensibilidade. Emoções. Moralidade.

Abstract: The objective of the workshop is to present the importance of sensibility (as a faculty/capacity) and its functioning in conjunction with other faculties (reason and understanding) for human life. In the first part, the workshop clarifies the meaning of the term "aesthetics" in Philosophy, showing that it refers to a field of study that aims to understand how sensibility constantly participates in thought, knowledge, reflection, and reason. So, what is sensibility? It is the capacity of human beings to be affected and to affect things. As a capacity, it plays an irreplaceable role in all human activities. It is also through sensibility that one reaches the feeling of humanity, such as the ability to put oneself in the place of others, to see others as equals, to share emotions, and to expand and make feelings common to all.

Keywords: Aesthetics. Sensibility. Emotions. Morality.

182

Público-Alvo

1º ano do Ensino Médio.

Duração

O tempo utilizado para o desenvolvimento da atividade será de 2 horas-aula.

Recursos didáticos

Vídeos, texto, balões vermelhos e azuis e vestimentas diversas.

Objetivos da oficina

O intuito dessa atividade é, por meio da distinção dos diferentes usos da palavra “estética”, levar à reflexão sobre o lugar da Sensibilidade na constituição não só do conhecimento e da prática moral, mas também de sua organização harmônica, evidenciada no papel desempenhado sobre o conjunto das faculdades ao favorecer a

apreensão dos afazeres humanos de modo inteiramente equilibrado e harmônico. Em contraste com a apresentação da sensibilidade, vinculada pela filosofia à faculdade estética, realçamos as consequências de sua ausência no caso do exclusivo favorecimento das faculdades técnico-cognitivas (conhecimento e moral), no qual o ser humano é posto na situação de promover a barbárie e a desordem, pelo fato de desconhecer a reflexão estética como faculdade harmonizadora de todos os poderes de conhecimento. A partir da apresentação de alguns limitantes (vistos na Tarefa 1 e Tarefa 2) das faculdades teórica prática da razão, chama-se a atenção para essa terceira faculdade – a faculdade estética – como a que mantém ativa a observação sobre os produtos e as consequências da atividade racional humana.

Desenvolvimento

A Oficina se constitui por seis (6) etapas:

1ª ETAPA: apresentação do Grupo PET e Introdução do Tema da Oficina (15 minutos)

2ª ETAPA: sensibilização (sala sensorial) (10-12 minutos)

3ª ETAPA: problematização (13 minutos)

4ª ETAPA: jogo do balão (10 minutos)

5ª ETAPA: investigação textual (10 minutos)

6ª ETAPA: conceituação (cenas sensíveis) (30 minutos)

1ª ETAPA: apresentação do grupo PET e introdução ao tema da oficina

Nesse momento introdutório, após a apresentação do grupo PET-Filosofia, será posta à frente dos participantes a palavra “Estética” para verificar qual é o entendimento que esse termo evoca em todos os alunos. Por ora, será guardado o sentido que o senso comum atribui a essa palavra. Sabemos que a estética se refere às indústrias cosmética e da moda (a), à intervenção cirúrgica (b), à aparência e ao estilo físico (c), ao procedimento anestésico (d) etc. Todas essas aplicações da palavra “estética” serão usadas para fazer contraste com o modo de utilização da palavra “Estética” na Filosofia e sua respectiva compreensão a partir da noção de “reflexão estética”.

A fim de contextualizar a aplicação filosófica do termo “estética” desde o modo como a Filosofia considera a sensibilidade em ligação com a estética,

DE CARVALHO, A. / CAMPOS, A. / DALUZ, D. / SEMENÇATO, F. / GRUMICKER, F. / TRUCCOLO, J. / CHIODI, M. / AVANCINI, N. / DE SALLES, O. / DE SALLES, R. / QUEIROZ, T. / SCHROEDER, P. / PERAÇOLI, V. / DR. UTTEICH, L. / DRA. WELTER, N.

apresentaremos duas dinâmicas (Tarefa 1 e Tarefa 2). Elas servirão de contraste diante das ações adotadas pelo ser humano, em que prepondera exclusivamente a (faculdade da) razão (racionalidade pragmática e técnica). Nesse sentido, as duas dinâmicas questionam e revelam o nível de desconsideração e exclusão da sensibilidade, vinculada à reflexão (feita em seguida) sobre as consequências destrutivas/nocivas dessa omissão/ausência, pelo fato de a razão, tomada como única faculdade conscientemente atuante, revelar resultados bárbaros, arbitrários e nefastos para a sociedade, nos sentidos micro e macro. Nesse realce posto na importância da sensibilidade – do ponto de vista estético –, pela harmonização que ela propõe para um atuar conjunto de todas as faculdades, antevemos a sua importância como componente essencial para uma vida ponderada e equilibrada.

Segue abaixo a primeira tarefa.

Tarefa 1: “Agora iremos assistir a um pequeno vídeo, a fim de verificar a nossa percepção de mundo e a relação de nossa sensibilidade com a atividade do pensamento. Pedimos, ‘por favor’, para que todos fiquem atentos às imagens que serão exibidas para que, na sequência, a gente possa conversar sobre o modo como vocês as receberam e sentiram!”

184

2ª ETAPA: sensibilização (sala sensorial)

Condução do debate. Para dar forma às respostas colhidas da atividade anterior (provocação do termo estética), os participantes serão dispostos em uma sala sensorial, na qual estarão organizados de modo a visualizar imagens de desastres ambientais e acontecimentos recentes da história humana, como guerras e episódios danosos à sociedade. O foco da tarefa é levar a perceber que tudo isso é ou foi produzido pelo ser humano. O objetivo dessa “sensibilização por meio de imagens” visa aguçar a percepção dos participantes, conduzindo-os, a partir daí, ao favorecimento da reflexão sobre esses resultados, isto é, a uma ampliação da reflexão (pensante), que só se torna possível quando se convoca a sensibilidade. Isto é, na determinação das ações, dependentes sempre do grau de conhecimento humano, não deve ser abstraída sua relação com a sensibilidade.

A exemplo do que fora trazido no audiovisual (Tarefa 1), que expôs os efeitos destrutivos dos artefatos bélico-nucleares – primeiramente, na cidade destruída de

Berlim pós-guerra (vídeo 1) e a seguir no episódio do cartoon (vídeo 2) –, a reflexão estética possibilita considerar que todas as produções humanas que se vinculam a atrocidades, à morte e à destruição, são indignas e podem sempre ser evitadas, desde que ocorra, para isso, em todo processo decisório (pragmáticos e técnicos), uma efetiva participação da sensibilidade junto com a razão.

3ª ETAPA: problematização (13 minutos)

Uma vez concluída a “etapa de sensibilização por imagens”, serão colocadas perguntas para colher a percepção dos alunos participantes, como:

1) Vocês viram o cidadão andando de muletas no início do vídeo em meio a uma cidade quase inteiramente destruída e rodeada de escombros, edifícios e prédios destruídos, poeira e sujeira. Que tipo de sentimento essas cenas provocam, principalmente quando se constata que essas cenas retratam a vida humana durante aquele período de guerra, e não um filme produzido por Hollywood?

2) Vocês também viram, no cartoon, o efeito da bomba atômica, desintegrando os corpos das pessoas que fugiam em desespero, tentando abrigar-se da força destrutiva daquelas bombas... O que vocês sentiram quando viram as pessoas sendo desintegradas pela bomba nuclear? Se essas pessoas se escondessem, elas conseguiriam evitar sofrer o efeito da bomba? Que temperatura vocês acham que tem uma bomba para resultar nesse efeito?

3) No primeiro vídeo das imagens da cidade destruída, por que será que a cidade veio a ser bombardeada e destruída? Seria por que os pilotos obedeceram ao comando de um superior (comandante) e simplesmente apertaram o botão para “soltar” as bombas? Será que os pilotos sabiam que a ação que estavam realizando – a ação de soltar as bombas sobre a cidade – significava a destruição da cidade? Eles sabiam que essa ação não era benéfica, mas maléfica?

4) Seria possível, para algum dos pilotos, admitir que ele não tinha “sentido” nada – nenhum tipo de sentimento – ao apertar o botão? Talvez algum deles pudesse dizer: “Não senti nada, porque estava apenas obedecendo ordens recebidas”.

5) Mas essa é a nossa dúvida: pode o ser humano agir sem sentir algo em relação à sua ação? Pode ele intervir e causar algo na realidade, sem sentir o efeito dessa sua ação?

O piloto que soltou as bombas, se pudesse saber antecipadamente os resultados de sua ação, caso se colocasse no lugar das vítimas, talvez não realizasse essa ação. Se ele tivesse jogado uma primeira rodada de bombas e assistisse às imagens que assistimos, possivelmente não soltaria bombas uma segunda vez sobre a cidade. Mas, para o caso de não realizar novamente uma ação já realizada antes: por que será, caso pudesse decidir por si próprio, que ele não faria mais isso?! No primeiro caso, ele estava cumprindo ordens, estava apenas obedecendo a seus superiores. Para o segundo caso, admitindo que ele estava livre para decidir soltar bombas sobre a cidade, após tomar conhecimento do estado em que havia deixado aquelas pessoas, ele não iria cometer novamente a mesma ação.

Há uma diferença aqui entre “cumprir/obedecer ordens” e “refletir por si próprio” para tomar uma decisão, já que há uma responsabilidade presente no resultado de cada ação. No caso de ser possível refletir por si sobre o assunto, o piloto convoca a sua sensibilidade para participar do processo de decisão: ele pode decidir soltar ou não as bombas sobre a cidade, mas saberá, por meio de sua sensibilidade, que ele é responsável pelas consequências de sua decisão.

“Queridos Alunos, por enquanto pedimos a vocês que guardem essas reflexões feitas até aqui, pois faremos, em seguida, outra atividade: uma dinâmica que possibilitará retomar as reflexões que vocês realizaram agora e que nos conduzirá ainda para novos patamares!”

4ª ETAPA: jogo do balão

(Tarefa 2). Nessa atividade os participantes serão divididos em dois times e cada participante receberá um balão a ser amarrado na canela (time dos balões azuis e time dos balões vermelhos). Cada time terá um líder, cujo balão será marcado como “líder”. O balão representa a vida de cada participante, que deverá zelar por ele: caso seu balão seja estourado, o participante deixa imediatamente o jogo. A meta do jogo é que cada time impeça que o time adversário chegue até o seu líder e estoure o balão do líder. Assim, todos deverão zelar para que o balão do líder-do-

time não seja estourado. O modo de alcançar esse objetivo é estourar o balão do adversário que se aproximar durante o encontro entre os times. A atividade termina tão logo seja estourado o balão-do-líder por um dos times. Isso deflagra o fim do jogo e o time vencedor é aquele que teve o líder e seu balão preservados. É interessante ressaltar que faremos um comentário sutil na explicação da atividade que, apesar de poder não aparentar, insere um dos aspectos mais importantes da atividade. “O balão, no momento do jogo, representa a vida de cada um”. Faremos isso para chamar a atenção dos alunos ao ponto principal da atividade, que é demonstrar como é fácil tornar-se bárbaro diante de uma ordem cegamente executada, sem a participação da sensibilidade, que poderia funcionar como elemento repressor da barbárie. No momento da atividade, os alunos são levados, por conta da regra do jogo e da forma em que ela foi imposta sobre eles, a aniquilar-se, com o propósito de atingir a vitória, de forma a desconsiderar os prejuízos que podem causar que, nesse caso, envolvem a destruição do balão do outro e, representativamente, sua vida.

Dando sequência à Oficina, os petianos irão vincular o conteúdo e as reflexões do vídeo inicial (Tarefa 1) contextualizando-as agora em conjunto com essa “experiência de defesa do líder” da dinâmica atual (Tarefa 2).

Algumas questões iniciais para motivar a contextualização conjunta de ambas as atividades serão propostas. A partir da dinâmica atual pode-se constatar:

- 1) Um dos times venceu o jogo. Qual foi o time vencedor do jogo? O time azul ou o time vermelho?
- 2) Alguém pode descrever a meta a ser buscada para o time vencer o jogo?
- 3) Alguém sacrificou o próprio balão para conseguir proteger o líder? O que vocês tiveram que fazer para proteger o líder? (... estourar o balão do adversário.)
- 4) No objetivo de cumprir a “regra” dessa dinâmica, ocorreu de algum estudante, sem querer, ter se machucado e/ou machucado seu colega (o “adversário” no jogo)?

Questão-ligação com o tema da Tarefa 1.

Vimos no vídeo inicial as cenas de uma cidade bombardeada, destruída, coberta de escombros... Se refletirmos sobre aquele tipo de ação que os comandantes executaram para com os pilotos, a de instruir para que “soltassem as bombas” sobre a cidade, constata-se que isso ocorreu porque tais comandantes avaliavam ser “a melhor medida a tomar”: instruir os subordinados para “obedecer” a essas ordens. Vimos também que talvez os pilotos tivessem tempo para decidir o contrário: não soltar as bombas – mas isso somente se pudessem fazer com que os comandantes se colocassem no lugar das pessoas da cidade, promovendo a ampliação da consciência sobre os efeitos desses atos extremos. Isto é, admite-se que os comandantes poderiam ter decidido de modo diferente e, em vista disso, que os pilotos não realizassem o que lhes fora ordenado.

Concluimos essa primeira reflexão afirmando não haver a possibilidade de um “agir sem querer”, pois todo agir pode ser ou um agir que cumpre ordens (razão pragmática) (1), ou um agir que atende ao que já é conhecido (entendimento) (2), ou um agir que segue o exigido por uma lei habitual (operações técnicas ou práticas) (3). A enumeração acima de ações não esgota, porém, o conjunto de todas as ações possíveis; podem ser acrescentadas ainda outras ações a ela.

É certo que prepondera, nos momentos 1, 2 e 3, a distração/desatenção para com a faculdade tão presente que é, para o ser humano, a faculdade da Sensibilidade. Na história do pensamento, só mais tarde, após terem sido demonstrados o “conhecimento” e a “moralidade” pertencentes em definitivo à estrutura cognitiva humana, a sensibilidade passou a ser considerada nela mesma. Apesar disso, seu lugar e sua condição no homem são insubstituíveis. Mesmo que parcialmente, o conhecimento e a ação sempre precisaram da sensibilidade para apresentar seus conteúdos. Ela é a fornecedora deles. A sensibilidade, nela mesma, tem seu próprio valor: ele se liga à capacidade humana de perceber o que está em seu entorno e de decidir o que acolher, seja na relação de convivência entre as pessoas, seja na relação com a natureza.

A sensibilidade permite que cada ser humano consiga se “colocar no lugar do outro” (compartilhar uma perspectiva de mundo com o outro), consiga ver o outro como um igual e possibilita compartilhar de emoções e de sentimentos, expandindo, com isso, aquilo que é comum a mais de um indivíduo.

Nas duas dinâmicas (Tarefas 1 e 2) acima, apontamos para os inúmeros prejuízos gerados pelo esquecimento da sensibilidade e pelo privilégio dado à atividade de conhecer e ao cumprimento de ordens. Diante disso, a faculdade da sensibilidade – tematizada pela Filosofia – resgata um modo de pensar mais amplo, que reúne sobre si todas as faculdades humanas para um funcionamento conjunto e harmônico.

Em vários momentos ocorre essa atividade harmonizadora da sensibilidade. Um deles é quando alguém se coloca em atividade para produzir um objeto “artístico” (seja visual, musical, estrutural): mais do que em qualquer outro momento, nesse objeto se exprime a compreensão conjunta dos talentos humanos – de ouvir, de perceber, de olhar, de refletir – que a Filosofia chama de “faculdades”.

Graças a essa dimensão da sensibilidade, a Filosofia cunhou o termo “Estética” para designar esse nível produtor, criador de relações, do homem com a natureza e dele com os demais seres humanos. Como mencionado, a sensibilidade traz consigo a capacidade de antecipação – denominada por nós de “sentimento”. A esse sentimento, vinculado à sensibilidade e ao pensamento, chamamos “reflexão estética”.

A partir de agora, iniciando-se pela perspectiva estética, as faculdades cognitiva e moral são vistas desde a produção de situações harmônicas e de contextos favoráveis à humanidade, em detrimento de qualquer elemento ofensivo e nocivo ao todo da humanidade. Quando a sensibilidade, vinculada à reflexão estética, assume o lugar principal, em tal caso o que é priorizado são as ações que são aprazíveis a todos ou a um maior número de seres humanos, estejam elas em relação com o “conhecimento” (confecção de objetos) ou com as ações (“delegação” para cumprir ordens).

Mesmo que o entendimento tenha conduzido ao conhecimento sobre o modo de confeccionar a “bomba”, a razão assumida na tarefa de delegar a ordem para “soltá-la sobre uma cidade ou lugar”, do ponto de vista das faculdades humanas, o processo ainda não está encerrado. Pode-se alcançar a antecipação dos malefícios acarretados por qualquer iniciativa destrutiva, desde que seja proposta uma tomada de decisão diferente: a abordagem ou perspectiva estética permite reconfigurar o resultado buscado para reenquadrá-lo num todo mais amplo.

Perante as duas outras faculdades, entendimento e razão, a reflexão estética permite constatar, olhando a partir de outro ângulo, como indesejada a destruição do outro. Como um meio para contornar a direção destrutiva dos pensamentos mal-elaborados na mente humana, o desenvolvimento da sensibilidade – pelo desenvolvimento da perspectiva estética – favorece a evitar a destruição e conceder domínio ao conjunto e à harmonia das faculdades humanas, no que elas são construtivas e positivas para toda a humanidade.

Assim, nos resultados e consequências que vimos nas cenas dos vídeos acima (Tarefa 1), embora fosse certo que os pilotos tinham autonomia para não-largar as bombas sobre a cidade e que nem queriam realizar isso, também é certo que eles não gostariam que suas próprias cidades – as cidades nas quais eles moram – fossem bombardeadas e virassem escombros. Em toda a escala de funcionários (militares e políticos) não haveria ninguém que quisesse o mesmo – para si e para sua cidade – relativo ao que pediram que os pilotos fizessem. Por isso, conclui-se que há uma instância maior, uma instância conjunta, a partir da qual toda decisão precisa ser tomada.

Para o caso de uma decisão individual, esse elemento maior que dá conjunto é o todo de nossas faculdades: são os talentos de ouvir, de perceber, de olhar e refletir. A partir do sentimento todos nós acessamos esses talentos e com base neles vamos além do uso de um só deles, pois justamente o uso exclusivo de um só deles coloca o ser humano de volta a uma perspectiva restrita, unilateral e insuficiente sobre a realidade diante de nós.

5ª ETAPA: investigação textual

Vamos, então, refletir sobre o que vimos até aqui. Vamos falar sobre a palavra estética como entendida pela Filosofia. Todo o conteúdo que vimos decerto está presente em nosso dia-a-dia. Esse conteúdo tem a ver com nossos sentimentos. Não existe ação que não traga junto sentimentos.

A gente sabe que o conhecimento às vezes permanece muito abstrato e parece não ter relação com nossas vidas. Na abordagem da estética, é possível uma apreensão intuitiva do mundo concreto. Vocês saberiam dizer o que é intuição?

Intuição tem a ver com conseguir imaginar algo além a partir daquilo que você vê, ou seja, criar algo, no sentido de ser criativo, a partir do mundo concreto.

Vocês concordam conosco que o conhecimento científico sempre vai nos proporcionar apenas uma visão objetiva das coisas. A abordagem estética, por outro lado, amplia essa nossa visão, indo além dessa visão, proporcionando reunir e organizar aspectos que escapam ao conhecimento. A vida requer de nós que a gente reúna e organize esses diferentes aspectos, e é isso que a estética faz.

Vocês não concordam que, nos vídeos que vimos anteriormente, faltava essa visão de reunir e organizar diferentes aspectos – pelo piloto que soltou as bombas ou pelo comandante? E durante a brincadeira dos balões, não concordam que vocês só prestaram atenção em cumprir a regra de preservar o líder e deixaram de lado outros aspectos da brincadeira? É a nossa sensibilidade que nos diz sobre esses aspectos, é por meio dela que organizamos esses múltiplos aspectos, numa visão mais ampla, tanto no vídeo quanto na brincadeira.

Considerando que somos um composto de razão e emoção, o que vocês acham que aconteceria se nossa sensibilidade não fosse cultivada/formada? Seríamos homens primitivos, homens das cavernas, seres bárbaros. Assim como os vikings eram bárbaros, o piloto se comportou como um bárbaro ao soltar as bombas, e vocês, durante a brincadeira, foram orientados a se comportar de modo bárbaro.

Assim, a Estética propõe que o ser humano abra caminho para o pensamento por meio dos sentimentos. É preciso uma harmonia entre os dois, e a vida, que requer organização, pede isso.

Mas o que significa cultivar a sensibilidade? Não seria ser criativo e imaginativo, de forma a harmonizar os diferentes aspectos da vida? É isso que a Estética entende por beleza.

Por isso a beleza – que é o objeto da Estética – sempre contribui com a ética. E é isso que queríamos mostrar pra vocês em nossa oficina. A seguir, realizaremos uma dinâmica teatral a fim de expressar na prática um pouco dos conceitos que trabalhamos ao longo da oficina, atentando especialmente para a questão de como nossas emoções e a forma que atentamos para elas afetam o nosso agir.

6ª ETAPA: conceituação (cenas sensíveis)

A atividade do teatro começa na separação dos alunos em pelo menos quatro grupos, com cinco a seis alunos cada, para os quais serão sorteadas quatro cenas já definidas, onde duas delas se repetem, resultando em apenas dois cenários no total. Cada cena estará escrita num pedaço de papel, que será entregue aos grupos e descrita de modo genérico para ampliar as possibilidades de interpretação dos alunos. Definidos os grupos com suas cenas, em seguida serão sorteados os papéis com os personagens referentes a cada cenário, um para cada aluno. Os papéis conterão uma descrição das motivações, emoções e o que fazem seus personagens até o momento do início daquela cena, abrindo espaço para a interpretação livre dos alunos. Os cenários fundamentalmente são as motivações interpostas dos personagens que, ao expressá-las em ação, criam eventos dramáticos, situação que será percebida por diversos pontos de vista opostamente polarizados definidos na descrição dos personagens. A experiência dos alunos consiste em compreender e representar estas motivações e ações a fim de encontrarem a solução mais ética para a resolução desses dilemas.

Depois de feitas todas as definições dos grupos, será dado um tempo de cinco minutos para que os grupos conheçam suas cenas e personagens, tempo em que poderão perceber a natureza complexa do cenário em razão das motivações conflitantes de seus personagens. O grupo poderá definir uma resolução final para a cena, ou simplesmente improvisar até o fim. Na execução das cenas será dado o tempo de dois minutos para a representação de seus papéis, mais um terceiro minuto, no qual entrará o último personagem, que estará encarregado de decidir qual será a resolução final da cena; em outras palavras, qual é sua solução para os dilemas apresentados em sua cena.

As cenas a serem representadas são as seguintes:

Cena 1A – No refeitório

Nessa cena um aluno que passa fome em casa rouba a merendeira sem que ela perceba; outro aluno o vê e o acusa para os colegas; o amigo daquele que roubou o defende; a aluna que ficou sem comida por causa do roubo tenta ser compreensiva; a merendeira precisa que todos saiam da fila e depois de dois minutos o diretor chega para dar cabo na história.

Nessa cena são seis os personagens definidos, cada um contendo uma motivação que o leva até aquele momento e uma emoção que permanece durante a cena.

Cena 1B – No refeitório

Um aluno audacioso e egoísta por gula rouba a merendeira sem que ela perceba; outro aluno o vê e o acusa para os colegas; o amigo daquele que roubou quer ver intriga; a aluna que ficou sem comida por causa do roubo está com fome e briga; a merendeira precisa que todos saiam da fila e depois de dois minutos o diretor chega para dar cabo na história.

Nesse caso, continuam sendo os seis mesmos personagens, o que muda drasticamente são suas motivações e emoções, o que poderá alterar o curso da cena.

Cena 2A – Em casa

Nessa cena uma mãe solteira de três filhos precisa sair para o trabalho, mas não consegue enquanto seus filhos não pararem de brigar. A chefe que está com a mãe ao telefone, precisa que ela chegue logo no trabalho. O filho mais velho precisa do computador para fazer um trabalho importante. O filho mais novo precisa do computador para jogar com os amigos. O filho do meio que está no computador não sabe o que fazer. Por fim, depois de dois minutos a babá chega para resolver a situação e terminar a história.

Novamente a cena é pensada com seis personagens com motivações específicas para serem interpretados livremente a partir de emoções definidas.

Cena 2B – Em casa

Uma mãe solteira de três filhos quer sair para o trabalho, está cansada das brigas em casa. A chefe pede para a mãe não ir trabalhar, pois não tem dinheiro para pagá-la. O filho mais velho precisa do computador para fazer um trabalho importante. O filho mais novo admira os irmãos e tenta ajudá-los a se entenderem. O filho do meio está no computador conversando com uma garota, e não quer sair. Por fim, depois de dois minutos a babá chega para resolver a situação e terminar a história.

Nessa reinterpretção da cena, as motivações dos personagens mudam, o que poderá dar uma nova dinâmica e desfecho para a história.

DE CARVALHO, A. / CAMPOS, A. / DALUZ, D. / SEMENÇATO, F. / GRUMICKER, F. / TRUCCOLO, J. / CHIODI, M. / AVANCINI, N. / DE SALLES, O. / DE SALLES, R. / QUEIROZ, T. / SCHROEDER, P. / PERAÇOLI, V. / DR. UTTEICH, L. / DRA. WELTER, N.

Resultados esperados:

Com a finalização da oficina, esperamos, primeiramente, ter despertado nos alunos um conjunto de emoções e sentimentos (por meio do conteúdo proposto e do conjunto de atividades que os flexionam num âmbito prático) que os sensibilizem e os conduzam à autorreflexão, de modo a repensar a forma como lidam com esses sentimentos e também como interagem/se posicionam diante dos outros. Ao aperceberem-se disso, esperamos que atentem para a importância do cultivo da sensibilidade e o problema que é agir e viver de maneira geral mantendo-se distraído e desconexo de nossos sentimentos.

Referências bibliográficas

MARCUSE, Herbert. *A Dimensão Estética*. Trad. João T. Proença. Lisboa: Ed. Setenta, 2007.

SCHILLER, Friedrich. *A Educação Estética: Numa série de Cartas*. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1995.